

DO “MUNDINHO” FECHADO AO UNIVERSO QUASE INFINITO: negociando a saída de casa

Myriam Moraes Lins de Barros

INTRODUÇÃO

As motivações para as escolhas de carreiras, nos diferentes cursos de graduação nas universidades brasileiras, aparecem, anualmente, como tema recorrente na ocasião dos vestibulares das grandes universidades públicas e privadas. A imprensa cumpre o papel de tornar públicos debates que são desenvolvidos nas próprias universidades e nas esferas de formulação de políticas para o ensino, assim como trazem à tona as aflições de jovens e de seus familiares que se deparam com um leque amplo de opções que, em princípio, definirão a vida profissional futura do estudante. Fala-se das dificuldades que os jovens enfrentam hoje, com a multiplicidade de carreiras que se colocam à sua frente. Embora se valorize e se incentive a própria idéia de escolha individual, constata-se que a enormidade das ofertas quase impede o livre exercício das escolhas, e essa avaliação torna-se mais expressiva quando o panorama atual é comparado com momentos anteriores, quando a margem de opção era mais restrita.

Uma série de outros aspectos é levantada pelos meios de comunicação quando se trata de entrada na universidade. Atualmente, a polêmica das cotas tem dominado a cena, mas, com ela, questões de base da educação superior no Brasil acabam sendo enfocadas, como a do perfil socioeconômico da população universitária, a da inserção feminina em carreiras definidas socialmente como masculinas, a disputa entre estabelecimentos públicos ou privados de ensino superior.

Este estudo antropológico sobre jovens universitários está na confluência de várias discussões que abrangem diferentes áreas de conhecimento e que, de maneiras diversas, estão enfocando os pontos que vêm anualmente cobrir as pautas das matérias da nossa imprensa.

A proposta, neste momento, é delimitar uma questão que norteou as pesquisas sobre jovens universitários e suas redes sociais,¹ tratar dos proces-

¹ A pesquisa *Universidade, família e juventude*, realizada entre março de 2001 e fevereiro de 2003 com apoio do CNPq, contou com a participação das bolsistas de iniciação científica: Fernanda Fernandes Guimarães (PIBIC/CNPq), Monique Cristina Soares de Sousa (FAPERJ),

tos de mudanças nas trajetórias de vida depois da entrada na universidade e trazer para a discussão os processos de individualização nessa fase da vida e no contexto de socialização secundária,² quando novas interpretações da realidade se colocam como concorrentes aos valores e aos padrões de comportamento e ação da esfera familiar.

O UNIVERSO DA PESQUISA: jovens universitários

A proposta inicial do projeto de investigação foi a de delimitar o universo de pesquisa, que abarca estudantes de serviço social da UFRJ, e realizar, a partir desse recorte, uma comparação com outros dois conjuntos de estudantes dos cursos de letras e de comunicação, também da UFRJ. A motivação para o estudo de jovens universitários da graduação de serviço social já foi discutida em outra ocasião (Lins de Barros, 2003) e está relacionada ao contato com jovens universitários com perfil muito diferente das estudantes de Serviço Social no Rio de Janeiro e mesmo em outras regiões do país nas décadas de 60 e 70 e de minha própria experiência e de minha geração como estudante universitária nesse período. Não sou a única pesquisadora que, constatando as transformações do perfil dos atuais estudantes universitários, procura, a partir da comparação com a própria experiência, compreender o contexto contemporâneo da juventude. Regina Novaes (2001) parte, também, da percepção das diferenças entre seu período como estudante e o universo atual de seus alunos, para tratar das relações entre religião e política. Também entre os assistentes sociais há a

constatação de diferenças marcantes entre gerações, apesar de a história e a memória coletiva terem construído uma identidade comum a todos. Os pioneiros, termo pelo qual é chamada a primeira geração de assistentes sociais, eram das camadas médias, com clara valorização de seu capital cultural e social. No trabalho de Yara Maria Frizzera Santos (2001) encontra-se, nos discursos de assistentes sociais entrevistadas e na própria história de vida da autora, ainda uma outra distinção geracional que diferencia a geração proveniente das camadas médias que, como eu, estava na universidade na década de 1960 e 1970 e que empreendeu mudanças conceituais importantes na profissão, e a geração dos atuais estudantes que são aqui objeto de reflexão.³

Na primeira pesquisa, *Universidade, família e juventude*, a ênfase recaiu na questão das motivações para a entrada na universidade e a influência da família e dos amigos na construção de projetos de vida de jovens. Nesse momento, foram entrevistados 23 alunos de Serviço Social, nove alunos de Letras e sete alunos de Comunicação Social. Na segunda pesquisa, *Juventude universitária, redes sociais, projetos e fluxos culturais*, as questões estão mais voltadas para as mudanças após a entrada na universidade, relativas às representações sociais, aos sistemas de valores e aos estilos de vida, marcados por novas sociabilidades advindas com a vida universitária. Nessa nova fase, foram entrevistados 18 dos alunos anteriormente pesquisados, com o objetivo de acompanhar um pouco sua trajetória, e mais seis novas pessoas foram contatadas.

A pesquisa veio a corroborar dados já apresentados por Simões (2000) sobre o perfil dos estudantes de Serviço Social no Rio de Janeiro e pelo estudo desenvolvido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1997 (COOPERA/UFRJ). A maioria de estudantes da graduação de Serviço Social

Rosamaria Nascimento de Souza (FAPERJ) e Roberta Martins dos Santos (PIBIC/CNPq). A pesquisa *Juventude universitária, redes sociais, projetos e fluxos culturais*, em andamento, e com apoio do CNPq tem a participação das bolsistas Alice Rodrigues de Barros e Daniela Fonseca Alves dos Santos, ambas do PIBIC/CNPq, além das três primeiras, que acompanharam o projeto até dezembro de 2003.

² Por socialização secundária Berger e Luckman (1978) entendem “qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade” (p.175).

³ Na análise histórica da profissão, esse período é conhecido como “reconceituação”. Há vários trabalhos no Serviço Social que tratam dessa história, mas, neste momento, a minha intenção é marcar a diferença entre visões de mundo que podemos associar a gerações específicas e a seu perfil socioeconômico e cultural.

é composta por mulheres; há um número perceptível de indivíduos negros e pardos; os estudantes moram, em grande parte, longe do *campus* da Praia Vermelha, situada na Zona Sul do Rio de Janeiro, tendo de utilizar duas conduções para chegar à universidade; os pais têm baixa escolaridade, e as religiões e a participação política aparecem nos discursos dos entrevistados como formas de construção de identidades e de pertencimento a uma rede social.

Esses estudantes constituem uma parcela de jovens que acaba trazendo, para o conjunto dos estudantes universitários, um caráter heterogêneo à sua composição social, apesar do caráter seletivo e excludente do ensino superior no Brasil. Segundo pesquisa do INEP (2000), o universo de estudantes universitários é composto, em sua maioria, por jovens brancos, das camadas médias, solteiros e concentrados, no país, nas regiões Sul e Sudeste. Mas a mesma pesquisa indica a presença de estudantes de ensino superior oriundos de camadas de baixa renda e com pais de baixa escolaridade, estando a incidência desse perfil de estudantes nas universidades públicas. Ao mesmo tempo, a pesquisa do INEP apresenta, também, dados que mostram que, naquele momento, há maior presença de negros e pardos também nas universidades públicas, dado que está correlacionado, na análise, à cor e à renda familiar.

A comparação com os outros cursos de graduação procurou buscar especificidades nos três cursos escolhidos e, ao mesmo tempo, definir aspectos comuns a esses jovens que ingressam na universidade. O eixo da especificidade parte do próprio perfil dos estudantes de Serviço Social. A comparação com os estudantes de Comunicação põe em relevo os aspectos socioeconômicos e referentes ao capital cultural (Cf. Bourdieu, 1996). Os cursos da Escola de Comunicação têm, se comparados ao de Serviço Social e aos da graduação em Letras, uma procura maior no vestibular, indicando uma relação candidato/vaga muito alta. Entre os estudantes, há um número considerável de jovens das camadas médias, com pais com escolaridade alta, confirmando a dificuldade de estudan-

tes provenientes do ensino médio público, ou mesmo de escolas particulares menos qualificados no *ranking* dos estabelecimentos de ensino, concorrerem às carreiras de maior prestígio e *status* e que demandam uma melhor qualificação. De alguma forma entrelaçados a essa questão, estão, também, os modos de vida e as visões de mundo que criam fronteiras culturais, marcando pertencimentos a universos culturais onde se compartilham interpretações da realidade e estilos de vida.

Enquanto esse conjunto de estudantes de Comunicação pode se distinguir dos demais por tais aspectos, os alunos de Serviço Social e da graduação de Letras têm, de certa forma, uma caracterização que os aproxima, tomando como parâmetro as condições socioeconômicas, o capital cultural, o local de moradia e sua composição feminina.

Mas as semelhanças e as diferenças entre os estudantes universitários entrevistados não podem ser examinadas apenas quanto a esses planos. Há outros planos de constituição dessas diferenças e semelhanças que são dadas pela percepção dos próprios estudantes, na medida em que acionam, a partir de seus códigos de interpretação da realidade, classificações sociais e construções de identidade.

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS

A apresentação sucinta do conjunto heterogêneo dos entrevistados pôde mostrar que as semelhanças e distinções entre os estudantes podem ser traçadas em diferentes aspectos que, embora possam marcar diferenças entre os estudantes dos três cursos, tais diferenças só podem ser compreendidas quando deslocamos essas questões para o contexto sociocultural mais amplo em que esses jovens se situam socialmente. Neste momento, centralizo a atenção em dois pontos fundamentais para se compreender a juventude universitária, seu projeto de vida e a experiência de uma dada geração de mulheres. E, para isso, pretendo trabalhar (sem perder de vista o caráter comparativo da pesquisa) um conjunto específico de estudantes que

revelaram, através dos discursos, suas experiências de vida e uma dada concepção do processo de individualização em que família, interesses e projetos individuais se deparam: as estudantes de Serviço Social.

Nas entrevistas com as jovens universitárias, presenciamos os projetos se fazendo. As estudantes são, quase todas, moradoras do subúrbio. Uma série de experiências por que passam hoje, depois do ingresso na universidade, são relevantes para se compreender o trânsito entre a vida familiar e o que denomino de mundo universitário. Deslocar-se dos subúrbios, das cidades vizinhas e de bairros distantes e dirigir-se ao *campus* da Praia Vermelha representa, para as jovens, bem mais do que um trajeto. A área urbana se expande para essas jovens, e essa expansão é dada pelo conhecimento de novos espaços físicos e sociais. O sentido dado pelas jovens a essa abertura é um dos alicerces para a construção de um projeto de vida (Cf. Velho, 1994). As passagens por diferentes paisagens urbanas, que, até a entrada para o curso universitário, eram ou desconhecidas ou pouco visitadas, servem como uma metáfora para compreender esse momento de vida.

É dessa forma que compreendo a interpretação das jovens sobre suas experiências atuais. Com a vida universitária, novos contatos e formas de interação social são estabelecidos. É a socialização em outros códigos de interpretação da realidade, que vão dando sentido às experiências que se agregam, permitindo organizar as diferentes experiências ao longo da vida como uma história, definindo uma biografia. A tônica da percepção da biografia é a mudança, não só da trajetória individual mas também familiar e de uma geração de mulheres.

As referências sociais, os gostos e mesmo o estilo de vida passam por modificações. Apesar do perfil dos estudantes descrito acima, o conjunto de estudantes não apresenta homogeneidade, e não é sentido como homogêneo pelos entrevistados quando procuram se distinguir internamente. As diferenças de local de moradia, as condições de classe, as posições políticas, a religiosidade, as

diferentes formas de organização das relações familiares, a identidade racial e de gênero são alguns aspectos que marcam as distinções.

Para os estudantes, o aprendizado das diferenças culturais e sociais é feito com a própria experiência de vida universitária e, no caso dos estudantes de Serviço Social, tal aprendizado se faz também através de um novo código de interpretação da realidade que se dá no contato com a literatura sociológica e que acaba se mesclando às experiências e interpretações anteriores, basicamente provenientes da família e da visão de mundo religiosa. Como a maior parte dos estudantes da UFRJ – constituída de alunos de estratos sociais diferenciados e residentes em diferentes regiões da cidade e nas cidades vizinhas –, a ida para o *campus* universitário representa, muitas vezes, o primeiro movimento para fora do círculo imediato da vizinhança, dos bairros próximos onde se localizava a escola secundária, os amigos e as igrejas frequentadas.

A pluralidade de experiências de vida e as combinações múltiplas entre os diferentes aspectos que possam caracterizá-las podem ser valorizadas em determinadas situações como aquelas em que se prioriza o que consideram a característica fundamental dos estudantes de Serviço Social, que é a consciência das desigualdades sociais.

“*Ter consciência*” e “*ser consciente*” são expressões empregadas pelas estudantes para falar do processo de um paulatino de conhecimento da sociedade com suas desigualdades sociais inerentes. Esse conhecimento se dá em vários planos e vai ser o eixo através do qual são pensadas a trajetória de vida e as mudanças nas redes sociais.

Na própria escolha da carreira universitária, encontramos um discurso que busca, no passado próximo, um embrião dessa consciência. Entre os diferentes fatores presentes na escolha do Serviço Social, encontramos a associação entre o desconforto e a revolta com as injustiças e a vontade de ajudar a solucionar os problemas sociais. Numa visão retrospectiva, vêem que tal associação expressa ainda um entendimento nebuloso da realidade, que só mais tarde pode ser sistematizado pelos

conhecimentos aprendidos na universidade.

Encontra-se, aí, uma idéia de vocação e de escolha individual que, no universo dessas estudantes, é particularmente importante porque elas são, quase sempre, a primeira geração da família e, especificamente, das mulheres da família a iniciarem um curso superior.⁴ Essa situação de mudança no quadro educacional familiar, dada pelas possibilidades atuais de ingresso na universidade, é também utilizada pelos estudantes para identificarem a escolha do curso. Há uma compreensão meio difusa de suas condições sociais desfavoráveis, se comparadas às de estudantes das camadas médias mais altas, que puderam ter um ensino melhor em escolas privadas. A interpretação dessa desvantagem para a seleção no vestibular se mescla à idéia de escolha e vocação individual. Há, assim, uma conjugação de diferentes fatores presentes nas justificativas para a escolha do curso: a trajetória escolar, as tentativas frustradas anteriores para entrar em cursos superiores considerados mais próximos aos desejos e às idéias vocacionais, o “gostar” de estudar e o projeto de investimento na aquisição de conhecimentos que, mesmo nas famílias em condições econômicas desfavoráveis, é considerado um desejo legítimo, sobretudo para as jovens mulheres e, por último, a solução encontrada no exame da relação entre o número de candidatos por vaga oferecida em cada curso superior e divulgada pelos jornais e pelas revistas dirigidas a estudantes.

Escolhas racionais se confundem com idéias de vocação e aptidão que, no caso dos estudantes do Serviço Social, estão impregnadas de visões de mundo religiosas e de um modelo feminino que vê na mulher as qualidades inerentes para o exercício dessa profissão, como o cuidado e a dedicação aos outros. Essa mistura de padrões femininos tradicionais incorporados, com um *ethos* religioso e com uma atitude objetiva e racional para

atingir o fim desejado, entrar para a universidade pública, compõe o discurso dos estudantes, sobretudo das mulheres, ao falarem do momento da tomada de decisões para a escolha das carreiras universitárias possíveis. Essa pluralidade de códigos de interpretação da realidade, que está presente no momento de definição da carreira, encontra-se também, com maior ou menor ênfase, em cada um desses elementos, quando os projetos para o futuro são o tema da conversa. Os conhecimentos das ciências sociais, com sua linguagem particular, são incorporados à pluralidade da linguagem já existente e às formas de interpretação da realidade, para definir o sentido de carreira e de projeto de vida, como já foi assinalado anteriormente em relação à construção de classificações sociais dentro do universo de contemporâneos, no *campus* universitário.

Para as jovens estudantes, a idéia da profissão e de identidade profissional vai sendo aos poucos concebida. Se, antes da entrada para a universidade, prevalecia um modelo de mulher e de vida, como casar e ter filhos, aos poucos essa idéia é pensada mais como uma alternativa do que como um objetivo inescapável e desejado. O casamento pode ocorrer, mas a maternidade poderá ser adiada para um momento da vida em que a carreira profissional já esteja garantida. Essa redefinição do lugar da mulher na sociedade e a abertura para projetos que não eram colocados como possibilidade para a geração de suas mães têm o aval das próprias mães. Elas redimensionam as tarefas caseiras, de forma a liberar as filhas para o estudo, onerando-se, com tal atitude, de mais trabalho doméstico. Essa carga maior de trabalho que recai sobre as mães das estudantes aponta, também, para uma segregação de papéis conjugais na geração dos pais. Os homens da casa são poupados dessa revisão da divisão de trabalho. A relação mãe-filha é percebida pelas jovens como uma relação especial: a mãe é, para muitas, uma amiga, a pessoa com quem mais conversam e com quem podem contar incondicionalmente. Os significados atribuídos à mãe, como a incondicionalidade do amor e do apoio, são mesclados a valores igua-

⁴ É importante lembrar que os pais e mães da maior parte das pessoas entrevistadas têm apenas o ensino médio ou fundamental, alguns incompletos. Apenas três mães e cinco pais, no total de entrevistados da graduação de Serviço Social, completaram o ensino universitário.

litários, tendência contemporânea de relações intergeracionais na família absorvidos em diferentes segmentos sociais atualmente. Igualitários, mas não muito. Nessa amizade, marcada por hierarquias inerentes às relações familiares, uma série de assuntos não é tratada, como os namoros e as experiências sexuais. Conversam mas não de tudo, é o que dizem as filhas.

A relação mãe-filha é tematizada em outro contexto urbano contemporâneo. Attias-Donfut (2004), tratando das relações intergeracionais na França, no contexto de mudanças de valores e das condições de vida, de trabalho e aposentadoria, apresenta uma realidade bem aproximada da descrita pelas jovens entrevistadas, quando falam das relações entre elas, a família e especialmente as mães. Para essa autora, as mães apóiam, atualmente, com muito mais ênfase, as carreiras individuais de suas filhas do que de seus filhos homens, apostando em suas vidas profissionais. Em *Autoridade e Afeto* (Lins de Barros, 1987), apresentei as formas como as mães de camadas médias com filhas adultas e mães de seus netos construíam as relações de afeto e conflito com suas filhas. Nessas relações entre mulheres de duas gerações, as carreiras profissionais e os projetos das filhas apareciam como um meio constante de definição de posições de poder e autoridade na família e entre as gerações de mulheres. As avós apoiavam as filhas em seus projetos de autonomia e independência financeira, embora esses mesmos projetos individuais da geração mais jovem fossem também a razão dos conflitos entre as duas gerações de mulheres na família. No caso das estudantes pesquisadas, essa relação se dá em um outro momento do ciclo de vida familiar em que as jovens estão em um processo paulatino de reorganização de suas redes sociais e de suas trajetórias de vida, em função da novidade, que é a entrada para a universidade. A valorização de um projeto de vida marcado pela autonomia das jovens tem, assim, o respaldo materno nesse momento da vida

Machado (2004) também, aborda a mesma questão em pesquisa realizada com estudantes universitários e profissionais da saúde, da comunica-

ção social e da política de quatro capitais brasileiras, mostrando que, no campo espiritual, a relativização da importância da família é acompanhada pela idéia de que as afiliações religiosas são decorrentes de uma escolha de indivíduos, apontando, assim, para um processo de autonomização e individuação dos jovens. Referindo-se a Jelin (1994), Machado trata das mudanças na família, referindo-se aos processos de individualização e de maior autonomia cultural dos filhos e, concomitantemente, com a perda da autoridade patriarcal.

Hoje, as jovens vivem a experiência da juventude, que se faz num contexto social e cultural de aberturas de possibilidades para as mulheres, especificamente para essas jovens das camadas médias mais baixas e mesmo das classes trabalhadoras. Dos inúmeros aspectos presentes nas redefinições do lugar da mulher desses segmentos sociais, estão as condições de acesso ao ensino superior, em função do maior número de jovens que concluem o ensino médio. Dos poucos jovens brasileiros que conseguem entrar e concluir um curso superior, as mulheres representam mais da metade. Segundo dados do Ministério da Educação, no município do Rio de Janeiro, por exemplo, as mulheres são 54,5% dos estudantes universitários (INEP/MEC, 2000). Mesmo que esse acesso se faça de forma a excluir os de renda mais baixa dos cursos mais valorizados, como é o caso das jovens entrevistadas, há possibilidades de ingresso na universidade que não se colocavam nem para suas mães nem para suas avós. Nas diferenças geracionais, a circulação de valores, de estilos e modos de vida apresenta-se, no contexto contemporâneo, como um dado fundamental para se entenderem as motivações que orientam a adesão a novas formas de comportamentos e a elaboração de novas linguagens para compreensão da realidade e, desse modo, deve ser incluída nas interpretações sobre as motivações para a entrada das jovens na universidade.

Essa experiência universitária, apresentada para as jovens como possibilidade, parece se configurar como característica de uma geração de mu-

lheres dessas camadas sociais. Entendo que essas jovens vivem uma situação comum, que as dispõe a um determinado modo de experiência e de pensamento (Cf. Mannheim, 1982). Define-se, dessa forma, o campo de possibilidades que se apresentam às jovens para a formulação de seus projetos de vida. Diferentemente das mães e avós, para as quais não foram dadas essas condições não apenas de maior escolarização mas também de acesso a valores sociais presentes hoje nas relações de gênero na família e no mundo da rua. Ou, como redefine Attias-Donfut (1995), como um sistema de vigência de valores e de concepções próprios a uma geração. A questão das gerações encaminha a discussão do projeto para sua dimensão histórica e para a percepção do sentido do tempo e das transformações sociais e individuais pelos indivíduos.

A entrada para a universidade é, sem dúvida, uma das grandes transformações nas trajetórias familiares. E, sob o ponto de vista das trajetórias individuais, vemos que é a partir desse momento que ocorre mais efetivamente o deslocamento para fora do mundo familiar. As experiências de vida fora do espaço doméstico ou da vizinhança permitem a comparação de sua vida antes e depois da universidade e redefinem os próprios significados da vida familiar.

Talita tem vinte e um anos e cursa o último ano da graduação. Durante as entrevistas, fala com clareza destas redefinições ocasionadas com a sua entrada na universidade. Veio de uma cidade serrana perto do Rio de Janeiro e divide, hoje, um apartamento num bairro perto do *campus* da universidade com duas colegas. O pai a ajuda, mas ela se sustenta no Rio de Janeiro, sobretudo com a venda de roupas e com a bolsa de iniciação científica. Sobre sua opção em vir para o Rio de Janeiro estudar, Talita nos apresenta o contexto familiar:

Eu sou a única da minha família que está estudando no Rio, além de um primo que estuda fisioterapia na Universidade Estácio de Sá. Eu vejo a dificuldade de conseguir emprego, do meu irmão conseguir emprego. Na época, meu pai e meu irmão trabalhavam de pedreiro. Aí eu falava: 'Eu não quero isto para mim. Vou trabalhar de que? De doméstica?' Minha mãe trabalha de

faxineira, meu irmão de servente de pedreiro do meu pai.

O contraste com os primos e o irmão vem sempre mostrar outra perspectiva de vida e outras possibilidades de futuro.

Estão, todos, naquela coisa de estudar até a oitava série, poucos até o terceiro ano do segundo grau. Trabalham no comércio, com confecção, trabalham por ali mesmo. Agora no final do ano, um montão vai casar. Se fecham nesse mundinho. Eu não quero ficar neste mundinho reto, olhando só o que a gente tem à frente. Não queria estudar só até o terceiro ano, entrar para o comércio e ficar ali.... Minha vida mudou, eu me vejo completamente diferente. Aquela Talita que veio para o Rio certamente não é aquela que volta nos fins de semana para visitar os pais. Antigamente, eu não me reconhecia como moradora do Rio de Janeiro, embora ficasse aqui durante quinze dias e só ficasse na casa de meus pais dois dias. Hoje, eu sou capaz de dizer que moro no Rio mas vou para casa de meus pais nos fins de semana.

Continua a falar de sua experiência de mudança em relação à vida na casa dos pais e do que pretende fazer quando se formar:

Meus planos quando terminar faculdade, são tentar continuar os estudos, fazer um mestrado ou tentar trabalhar aqui no Rio. Não me vejo voltando para casa de meus pais. No início eu dizia que eu não era daqui e que nem tinha vindo para ficar. Hoje em dia, eu não penso mais assim, eu não sou daqui mas também não é mais esta história de que não vim para ficar. Eu quero ficar. Ao nível pessoal eu não sei se daria certo voltar para casa de meus pais. Os gostos mudaram muito, fui amadurecendo também. Quando vim para cá tinha dezessete anos, agora vou fazer vinte e dois. Você vai crescendo, vendo muita coisa que na minha cidade eu não via. Eu nunca imaginava viajar para um montão de lugares que estou conhecendo, nunca imaginava um montão de coisas que estou fazendo.

O "*mundinho*" é expressão usada por Talita e por algumas entrevistadas para referir-se à rede social definida a partir de laços familiares, com suas fronteiras fechadas, que não permitiam perceber o que elas consideram, hoje, a realidade social com seus problemas e injustiças sociais. "*Mundinho*" é empregado para traçar o contraste com um universo aberto para múltiplas possibilidades que a experiência na universidade lhes oferece. A perspectiva comparativa entre um tempo antes e um depois da universidade faz parte da compreensão de si com uma trajetória singular,

capaz de ser ajeitada segundo os interesses e a compreensão das situações existentes. Compreender a si mesma e entender o lugar que ocupa nas relações sociais é o passo inicial do controle das situações e das decisões pessoais. Esse processo não acontece sem dúvidas e sem inúmeras acomodações de interpretações da realidade. Casar ou não neste momento, ter filhos agora ou mais tarde, sair ou não da casa na zona norte para um pequeno apartamento mais perto da universidade, e mais: frequentar cinemas do circuito mais intelectualizado, apreciar música popular brasileira, chorinho, samba, que não faziam parte do repertório dos gostos musicais, formam, agora, o novo cenário de vida.

O processo de aquisição de conhecimento das diversidades, para as estudantes, vem acompanhado de maior “consciência” à qual se agrega maior disposição para mudanças, mesmo que isso se dê, muitas vezes, mais em termos de retórica do que de prática social. No ambiente em que vivem, tais disposições são construídas em comum, pela incorporação de valores e troca de experiências: “Sociabilidade é socialização e contágio” (Costa, Machado e Almeida, 1990, p. 200). No movimento para mudar, está não só a própria mudança na trajetória individual, mas nela está embutida a mudança das condições de vida de grande parte da população brasileira. Na projeção para o futuro, esses dois planos estão presentes e são orientados por valores sociocentros (Costa, Machado e Almeida, 1990), definindo projetos mais voltados para a sociedade e para os mais pobres e dominados, em particular.

CONCLUSÃO

O presente é o tempo da construção do projeto de vida. O espaço dessa construção é o das relações sociais realizadas na sociedade contemporânea. São os códigos de interpretação da realidade que dão o caráter social dos projetos. É porque dominam uma linguagem comum a seu grupo social e porque interagem em contextos específi-

cos que os projetos podem ser construídos e transmitidos.

Na formulação dos projetos de vida, o indivíduo se depara com situações de escolha e de opções. Há, portanto, um processo seletivo entre vários caminhos a seguir dentro de um campo de possibilidades dado pela sociedade. Mesmo que não haja a consciência das circunstâncias sociais que dão as condições para a concretização do projeto, quem faz as opções e define seu futuro acredita que tem alguma forma de controle sobre sua trajetória. A própria trajetória começa a ser reconstruída também nesse instante. Organiza-se como linearidade histórica o que até então eram traços isolados, cria-se uma biografia em várias dimensões temporais. Bourdieu (1996) vai chamar esse processo de construção de um sentido para as experiências da vida de ilusão biográfica e o circunscribe à sociedade ocidental moderna, onde o indivíduo é um valor fundamental.

Quando as jovens falam de suas vidas, valorizam diferentes momentos e situações vividas. A pequenez do “*mundinho*” contrapõe-se à positividade do universo que se abre com a vida na universidade. Quanto mais contrastada for a narrativa, mais eloqüente é o sentido da mudança.

Mas a própria mudança não garante sempre o significado de progresso e de melhorias. Há, nas comparações entre momentos da vida, um sentimento de ganhos e perdas com as transformações, daí os conflitos nos momentos das escolhas. O “*mundinho*” parece garantir proteção e uma familiaridade dada pelo sempre conhecido, enquanto que o rompimento de suas fronteiras exige de cada jovem um esforço de se desmembrar da família, relativizar sua importância, que só é possível de se concretizar pela consciência de si mesma como ser capaz de optar por um entre outros caminhos de vida.

Apesar de terem de enfrentar dificuldades geradas pelas próprias desvantagens de suas condições sociais, econômicas e culturais, as mulheres jovens têm em suas mãos novas ferramentas para moldar suas trajetórias, com possibilidades de um futuro diferente das mães e das avós.

O “*mundinho*” que as restringia e as limitava em seu campo de ação e pensamento pode ser visto como um passado, muito próximo e por isso muito ameaçador. Estar atentas e “*ser conscientes*” é uma condição para abrir-se para a concretização dos projetos de vida.

Vemos que as jovens estudantes, ao apostar na manutenção da coesão familiar, conseguem com frequência conquistar uma margem de manobra e de liberdade para renegociar as normas familiares. Essas estratégias não excluem tensões ou relações de força com os pais, mas o que está em jogo é a busca por uma negociação entre a conquista da autonomia pessoal e a realização dos projetos de vida, na tentativa de ampliar seus círculos de relações e viver outras e diferentes experiências.

Entender as negociações constantes entre indivíduos na família é uma possibilidade de examinar a constituição das distinções entre projetos de indivíduos e obrigações relativas ao grupo familiar. A autonomia das mulheres é resultado de uma grande transformação de valores que as mulheres desta geração já incorporaram e que se mostra, de forma intensificada, como um processo de individualização, como a literatura sobre mulher tem enfatizado.

(Recebido para publicação em dezembro de 2004)
(Aceito em dezembro de 2004)

REFERÊNCIAS

- ATTIAS-DONFUT, C. La génération, mythe, symbole, concept. *Générations, Annales de Vaucresson*, Vaucresson, n. 30/31, p. 79-92, 1991.
- _____. Sexo e envelhecimento. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. p. 85-105.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1978. p. 247.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas. Sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996. p. 231.
- COSTA, Antônio Firmino; MACHADO, Fernando Luís; ALMEIDA, João Ferreira. Estudantes e amigos – trajetórias de classe e redes de sociabilidade. *Análise Sociológica*, [S.l.], v. 25, n. 105/106, p. 193-221, 1990.
- JELIN, Elizabeth. Família: crisis y después... In: WAINERMAN, Catalina (Comp.). *Vivir en familia*. Buenos Aires: Unicef/Losada, 1994. p. 23-48.
- LINS DE BARROS, Myriam. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. p. 152.
- _____. Velhos e jovens no Rio de Janeiro: processos de construção da realidade. In: VELHO, G.; Kuschnir, K. (Orgs.). *Pesquisas urbanas. Desafios do trabalho antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 156-173.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. Autonomia individual e as transformações na família contemporânea. In: ORO, Ary Pedro (Org.). *Representações sociais e humanismo latino no Brasil atual*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004. p. 113-139.
- MANNHEIM, Karl; FORACCHI, Marialice M. (Orgs.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982. p.215.
- MEC/INEP - Ministério da Educação/ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. *Censo universitário 2000*. Disponível em: <www.inep.gov.br> Acesso em 2002.
- NOVAES, Regina Reyes. Juventude e religião: marcos geracionais e novas modalidades sincréticas. In: SANCHIS, Pierre (Org.). *Fiéis & cidadãos. Percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2002. p. 181-207.
- SANTOS, Yara Maria Frizzera. Serviço social: afinal do que se trata? *Praia Vermelha. Estudos de Política e Teoria Social*. [S.l.], n. 5, p. 164-189, 2. sem., 2001.
- SIMÕES, Pedro. *Perfil dos estudantes de serviço social*. Rio de Janeiro: ESS/UFRJ/FAPERJ, 2000. Relatório de pesquisa.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *Comissão Permanente de Avaliação Docente (COOPERA)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 137.